

O REPÓRTER



“A MÃE” É O APELIDO CARINHOSO DA APAE

Instalada na Ribeirânia desde 1979, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais atende 410 beneficiários. A qualidade dos atendimentos e os resultados são tão positivos que a Instituição é chamada de “a mãe” pelos assistidos e suas famílias. Pág. 5



ESPAÇOS NA NATUREZA

Os bairros Ribeirânia, Iguatemi e Nova Ribeirânia têm praças e parques com muito verde e opções de esporte e lazer ao ar livre. Pág. 8

IGUATEMI ABRIGA REFUGIADA SÍRIA

Jovem deixou familiares, amigos e trabalho em busca de paz e tranquilidade. “Serei eternamente grata”, diz, sobre o Brasil. Pág. 11

EDUCADOR BRASILEIRO É NOME DE ESCOLA

Anísio Teixeira, um dos mais renomados e importantes educadores brasileiros, dá nome à escola no Jardim Iguatemi. Pág. 10

ADOLESCENTES LUTAM POR SONHO E SUCESSO

Os jogadores de base do Botafogo saem de casa muito cedo e sacrificam a adolescência em busca de uma carreira bem sucedida. Pág. 16



PARTO HUMANIZADO

A Maternidade Cidinha Bonini, na Unaerp, atende pacientes do SUS no Projeto Nascer e realiza os chamados partos humanizados. Pág. 8

VIDA NOVA SOBRE RODAS

PROJETO DE EXTENSÃO DA UNAERP TRANSFORMA A VIDA DE JOVENS CADEIRANTES

■ Alice de Carvalho Leal

“Cada um tem sua história, cada um tem sua lesão, cada um tem sua superação”. com estas palavras, Katiana nascimento, paraplégica há dez anos, define a experiência de participar do Grupo Integração, projeto de extensão oferecido pela Clínica de Fisioterapia da Unaerp. em 2006, Katiana foi vítima de um acidente automobilístico que comprometeu grande parte de seus movimentos. após três anos de internações, cirurgias e outros procedimentos, a paciente foi apresentada ao projeto pela fisioterapeuta Valéria Rodrigues.

O Grupo Integração acolhe pessoas vítimas de traumatismos raquimedulares, que consistem em lesão na coluna vertebral e podem ocasionar tanto a paraplegia quanto a tetraplegia. Criado em 1996 e formalizado em 1997, o projeto foi desenvolvido por Valéria juntamente com a assistente social Maria Inês Galon. Inicialmente, era destinado a acidentados por mergulho em águas rasas. Com o decorrer dos anos, passou a atender também outros casos.

Atualmente, o grupo é composto por oito pacientes, sendo sete homens e apenas uma mulher que realizam exercícios controlados três vezes por semana nas instalações da Unaerp. O atendimento dura cerca de uma hora e meia e, segundo Valéria, “durante este período, são realizados diversos treinos, como o de equilíbrio, controle de tronco e melhoria no quadro muscular”. Além da participação da desenvolvedora, no início deste ano houve uma inovação na proposta de trabalho com a entrada da fisioterapeuta Bruna Ungaretti, que procura aliar os exercícios ao Pilates.

A atenção do projeto, no entanto, não está voltada somente à parte

física. Nos encontros, os pacientes também desenvolvem saúde mental e a reintegração social. Katiana afirma que os principais benefícios trazidos pelo grupo são a independência e a motivação. “A troca de experiências que existe entre os membros me fazia pensar: por que ele faz isso e eu não? Preciso fazer também”, comenta. Para ela, a solidariedade entre os pacientes faz com que se tornem uma segunda família. “Minha procura na fisioterapia foi a evolução para voltar a ter uma vida. mas o grupo me mostrou que posso ter uma vida muito além da que eu estava procurando”.

Paralelamente, as fisioterapeutas também buscam aperfeiçoar a força dos pacientes. “Cinco rapazes do grupo fazem parte do time de rugby adaptado em Bebedouro, por isso buscamos fortalecer os músculos para que consigam atingir uma boa performance”, explica Bruna. Existe ainda a possibilidade de trazer a modalidade para a Unaerp, numa parceria entre os cursos de fisioterapia, Educação Física, Nutrição e Psicologia.

Segundo Paulo Henrique Neto, capitão do time de rugby adaptado e membro do grupo, o trabalho acaba trazendo condições de lidar com as mais diversas situações, além de contribuir com o desempenho no esporte. “Nós trazemos as informações dos treinos para basear os exercícios realizados pelos profissionais da Universidade no que precisamos executar dentro das quadras”, explica.

Importante por derrubar barreiras e preparar o paciente para lidar com a diversidade dos ambientes sociais, o Grupo Integração ganha ainda mais valor por ser o único gratuito e coletivo na cidade. Por meio dos encontros, o pre-

conceito é combatido, a confiança é reconquistada e, muitas vezes, a vida é renovada.

Os atendimentos acontecem semanalmente de terça a quinta feira, das 9h às 10h35, na Clínica de Fisioterapia da Unaerp. O atendimento é para adultos e é necessário um encaminhamento do SUS.

EXPEDIENTE

O boletim informativo “O REPÓRTER” é uma publicação do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto. Realizado como atividade prática laboratorial das disciplinas Produção e Edição em Jornalismo e Design Gráfico I, ministradas na 4ª etapa do curso, tem como proposta editorial o jornalismo comunitário de bairro, sendo dirigido à Ribeirânia, Nova Ribeirânia e Jardim Iguatemi.

UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto
Reitora: Profª. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

Curso de JORNALISMO
Coordenador: Geraldo José Santiago

EDIÇÃO
Profª. Elivanete Zuppolini Barbi – MTB nº 12.709

ASSISTENTES DE EDIÇÃO
Murilo Badessa
Paulo Henrique Apolinário

DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA
Prof. João Flávio de Almeida

ASSISTENTE DE DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA
Samantha Verhaeg
Alice de Carvalho Leal

REPORTAGEM E FOTOGRAFIA
Alice de Carvalho Leal
Ananda Silva Revece
Desiree Viana
Douglas Gabriel
Francine Rodrigues
Giovanna Grepí
Giovanna Pratali
Jeziel Araújo
Julia Gracioli
Juliana Leal
Leonardo de Castro
Líria Machado
Lívia de Oliveira
Lucas Mercedes
Maria Júlia Pereira
Murilo Badessa
Paulo Henrique Apolinário
Paulo Henrique Moreno
Samantha Verhaeg
Sarah Pelloso
Thainá Luz
Vitor Neves
Vitória Junqueira

SORRISOS ESPECIAIS

PACIENTES PORTADORES DE DEFICIÊNCIAS SÃO ATENDIDOS EM CLÍNICA UNIVERSITÁRIA

■ Maria Júlia Pereira

Há 15 anos funciona na Unaerp a Clínica de Odontologia para Pacientes com necessidades especiais. São atendidos pacientes com limitações motoras, deficiência mental, que sofreram traumatismo craniano, cegos, surdos, idosos e gestantes. A Clínica atende também doentes crônicos, como diabéticos, e pacientes com doenças infecciosas como a aids. Os atendimentos são realizados na Clínica de Odontopediatria, segundo a professora responsável, Delsa Deise Macchetti Kanaan.

O aluno do último ano de odontologia da Unaerp, Lucas Frata, participou de atendimentos e ganhou grande experiência. "Foi uma coisa bem emocionante poder ajudar de alguma forma. Sai da Clínica mais leve, pensando melhor nas coisas." O principal objetivo do projeto é a prevenção dental dos pacientes especiais. Marina da Silva Ramos trabalha no hospital de retaguarda Cantinho do Céu e é cuidadora do paciente Marcelo Cursino, portador de anóxia neonatal, que é causada

pela ausência de oxigênio nas células no recém-nascido. Ela conta que os pacientes não sabem dizer quando estão com algum problema, por isso a importância das consultas. "Os alunos intensificam a escovação, avaliam os pacientes e nos explicam todos os procedimentos", diz a cuidadora. A Clínica para Pacientes com Necessidades Especiais existe há 15 anos e em 2018 a Unaerp terá um espaço exclusivo para esses pacientes. SERVIÇO - Fone: (16) 3636-6761

CRESCER ACESSIBILIDADE NA UNAERP

COMO SE APDEFA UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO SE MOSTRA AINDA MAIS ACESSÍVEL E INCLUSIVA

■ Samantha Verhaeg

No segundo semestre do ano de 2016 a Unaerp desenvolveu o serviço de Apoio à Pessoa com Deficiência (SeAPDeF), sendo ele mais uma forma de tornar a Universidade mais acessível a eles e ajudar a sociedade a incluir as pessoas com deficiência em seu contexto.

Logo que se chega à Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), percebe-se que ela trabalha de forma a criar a inclusão e a acessibilidade necessária para os portadores de deficiência. Isso porque toda a sua estrutura física é feita para auxiliar aqueles que necessitam de uma rampa, elevador ou sinais de relevo no piso e agora, os alunos também estão sendo beneficiados com o SeAPDeF.

O serviço funciona de forma personalizada, de acordo com a realidade e a necessidade de cada aluno que o solicita. A experiência pode incluir

adaptações curriculares, arquitetônicas ou mesmo do próprio material do aluno. Ele conta com uma parceria com o serviço de apoio Psicopedagógico ao Aluno (SeAPP) e tem um total de quatro colaboradores diretos.

Atualmente, são cinco estudantes e suas famílias que contam com o auxílio do serviço. Esta foi a primeira demanda vinda dos coordenadores dos cursos oferecidos pela Universidade. Na próxima etapa de seu desenvolvimento, os participantes procurarão mais pessoas que precisem do apoio do SeAPDeF para que possam ser incluídos no seu sistema para receberem a ajuda necessária.

Para que os alunos e suas famílias possam receber o apoio do serviço é preciso que o coordenador do curso indique ao SeAPDeF a necessidade do estudante para que assim seja feito o primeiro contato com a

família, seguido de entrevistas e o conhecimento da realidade daquele aluno. Desta forma cada um terá seu atendimento no decorrer do tempo sendo feito de acordo com as suas necessidades, de forma personalizada para que cada um tenha sua melhor experiência na Universidade.

Segundo a psicóloga e pedagoga Fernanda Saviani Zeoti, uma das principais participantes do serviço, "a inclusão das pessoas com deficiência na Universidade é um processo natural que faz parte da proposta inclusiva que toda a educação brasileira possui, desde a educação infantil até o ensino superior. A proposta da inclusão educacional é que todas as pessoas tenham acesso à educação regular, independentemente de limitações quaisquer. Por isso é importante que essa ideia se torne cara para todos os que estão dentro da Universidade."

PROJETO NASCER

NA MATERNIDADE CIDINHA BONINI GESTANTES TÊM ATENDIMENTO E PARTO HUMANIZADO

■ Sarah Peloso

Gabriela Bianchi diz que o parto de sua filha Elis, de apenas quatro meses, a deixou realizada. “O Projeto Nascer mudou a minha forma de enxergar o SUS, tive o parto mais sonhado por qualquer gestante que busca o parto humanizado”. Criado em 1998, o Projeto Nascer oferece às gestantes acompanhamentos pré-natal, parto (cesárea, normal, natural ou humanizado) e assistência aos recém-nascidos. O acompanhamento tem início no último mês de gestação, a partir da 36ª semana.

De acordo com Suzi Volpato Fábio, coordenadora do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, todas as 49 Unidades de Saúde de Ribeirão Preto realizam os atendimentos pré-natal.

O SUS oferece todos os exames necessários para um bom andamento nos processos finais da gestação. Durante as consultas, a gestante pode apresentar suas preferências, tirar dúvidas e conversar com os médicos que farão seu parto. “O parto é decidido pela equipe da maternidade junto com a gestante e seu parceiro”, diz Suzi.

Dois dos hospitais que participam do Projeto se sobressaem em suas atividades. A maternidade do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) é referência para gravidez de risco e complicações. Já a Maternidade Cidinha Bonini, localizada no hospital Electro Bonini (HEB), no campus da Unaerp, é especializada em parto humanizado e é mais uma

opção de Gabriela e Elis: o parto sonhado maternidade para as gestantes. A maternidade Cidinha Bonini, participa do Projeto desde 2014 com uma equipe especializada em pediatria, obstetrícia e anestesista para os atendimentos das gestantes. Segundo dados anuais, em 2015 o HEB fez 849 partos, sendo 30% cesárias e 70% partos naturais.

A maternidade oferece sala de parto, sala especial de pré-natal, quatorze leitos obstétricos, seis leitos de pediatria e dois leitos complementares e UCI neonatal (Unidade de cuidados Intermediários) e sala de aleitamento. O Hospital também abriga a maternidade Cidinha Bonini, integrada ao Projeto nascer, realizando o pré-natal das gestantes.

Para se consultar no HEB, o paciente precisa ir até um posto de saúde, e para passar por um “pré-atendimento”. Caso a unidade básica não atenda suas necessidades, o paciente será encaminhado ao hospital para uma consulta. Durante os acompanhamentos, os pacientes recebem suporte para quaisquer intervenções, como exames laboratoriais, exames de imagens e clínicos.

Rosângela Bueno, 52 anos, fez uma consulta como endocrinologista no HEB e garantiu a qualidade nos atendimentos. “Todos os funcionários são de extrema atenção com os pacientes, o médico explicou o meu problema e logo fiz o tratamento”, disse.

O diretor clínico Fernando Gomes, especializado em Ginecologia e Obstetrícia, afirma que a parceria

com a secretaria da saúde é positiva para a população que necessite desses atendimentos e também para os alunos para campo de estágios. “Nossa prioridade é dar suporte à rede Básica com qualidade e eficiência”, ressaltou.

O hospital Electro Bonini atende no endereço marginal da Avenida Leão XIII, 315, de segunda à sexta das 6 às 21h. O atendimento telefônico é das 9h às 18h, no número (16) 3603-7900.



GABRIELA BIANCHI E SUA FILHA ELIS

LUGAR DE ESPERANÇA

EM ENDEREÇO DA RIBEIRÂNIA, SUPERAÇÃO É O QUE CONSTA NO MAPA

■ Murilo Badessa

Em uma rua da Ribeirânia a vida funciona de forma um pouco diferente. Desde 1979, o número 571 da rua Coracy de Toledo não indica um endereço qualquer. Por lá, realizar pequenas tarefas do dia a dia, como amarrar os sapatos ou vestir uma camisa, são grandes vitórias, alcançadas depois de um trabalho de meses e comemoradas por muitos. Naquele lugar funciona a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ribeirão Preto, a APAE, responsável por histórias de amor, superação e sabedoria.

Carinhosamente apelidada de “a mãe”, a instituição atende atualmente cerca de 410 beneficiários, de bebês até idosos com deficiências graves. Essas pessoas dependem de profissionais para a melhoria da qualidade de vida e manutenção do quadro clínico.

Na entidade são realizados serviços de assistência social, educação e saúde. Obrigatoriamente encaminhados por médicos ou escolas, os usuários participam de oficinas de convivência, sessões de fisioterapia e aulas de informática. A diretora Elaine Cristina Goes explica que muitos “aprendem a comer e a ir ao banheiro sozinhos e se tornam menos dependentes”. Ela ressalta que o objetivo é melhorar a vida dos assistidos e de suas famílias.

Desde 8 de setembro de 2003, Mariana Xavier Cesário é uma das alegrias do local. Nascida com Síndrome de Angelman, a menina hoje tem 16 anos e recebe todo o apoio. A doença genética provoca rigidez dos músculos e dificuldades para andar e falar. Toda semana, ela passa por terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e fisioterapeutas.

Sandra, a mãe de Mariana, não economiza elogios. Ao lado da adolescente todos os dias, ela é testemunha de cada obstáculo deixado para trás. “Minha filha tem paixão em vir aqui. Uma vez, o mo-



SANDRA E MARIANA XAVIER CESÁRIO

torista da van que nos traz desviou o caminho, ela percebeu e ficou muito brava. Só se acalmou quando viu que estávamos vindo à APAE”.

Cidadania também é um dos exercícios da Associação. A diretora conta que grande parte dos beneficiários aprende com as lições passadas pelas professoras, monitoras e assistentes sociais. Uma delas é a visita à feira de rua. “Eles levam

dinheiro, escolhem o que querem, pagam e fazem praticamente tudo sozinhos”. Ainda de acordo com Elaine, a prática fortalece a noção de vida em sociedade.

A integração entre os assistidos é muito boa. No grupo dos com mais de 30 anos, muitas risadas, e conversas. As irmãs gêmeas, Elaine e Eliana Pio de Moraes, são duas das figuras mais cativantes. Enfeitadas com pulseiras, colares e belos sorrisos contam que a natação, a dança e a confecção de tapetes são as atividades mais divertidas do lugar.

Mas não são apenas as irmãs que chamam atenção. Unidos por um amor contagiante, Marco Antônio, Suzy, Marcelo, Baltazar e Dulcineide, logo que souberam que um repórter estava na “casa”, se prontificaram a ajudar. Durante as entrevistas, o afeto foi inevitável.

Para se manter, com apenas metade dos gastos custeados por órgãos públicos, a APAE realiza bazares e parcerias com empresas. Além disso, quem quiser pode realizar doações, oferecer trabalho voluntário ou, até mesmo, alugar o salão de festas disponível no local. O telefone é o (16) 3512-5200.



ELAINE E ELIANA PIO DE MORAES

VIDEOGAME MELHORA A VIDA DE IDOSOS

FISIOTERAPIA EM JOGOS VIRTUAIS AJUDA TAMBÉM A MELHORAR O CONVÍVIO SOCIAL

■ Leonardo de Castro

Osmar Domingos Carvalho, 66 anos, e Solange Marilda da Cunha Carvalho, de 65, são casados desde 1978. Depois de tanto tempo juntos, os aposentados têm hoje uma nova paixão, o videogame. O primeiro contato aconteceu em setembro, durante uma sessão de fisioterapia do Projeto Realidade Virtual, desenvolvido na clínica de fisioterapia da Unaerp. "Vou comprar um 'desses' para brincar com meus netos", afirma à aposentada. "É um divertimento em que você faz exercício", brinca o aposentado.

O Projeto Realidade Virtual busca a integração do paciente durante as sessões de fisioterapia. Para isso é utilizado um videogame que reproduz os movimentos do corpo no ambiente virtual. "Sessões de fisioterapia podem ser desgastantes e chatas. O videogame dá uma sensação prazerosa e faz com que os pacientes prestem atenção o tempo todo", diz o coordenador do projeto, César Zanella. O programa funciona na Unaerp desde 2011. Nesse semestre, duas alunas desenvolveram um trabalho voltado para melhorar o equilíbrio e a qualidade de vida dos idosos.

Como passar dos anos, o corpo humano vai se degradando naturalmente e vão surgindo restrições. O trabalho das estudantes Larissa Rodrigues e Amanda Abianchi, é baseado nesse problema. "Nosso foco são exercícios que se assemelhem às atividades cotidianas. Como, por exemplo, andar em um piso molhado", explica Larissa. Amanda é responsável por fazer o levantamento que monitora o desempenho dos

pacientes. "É importante saber o que eles acham das sessões, se estão gostando, quais os resultados e o que ainda podemos melhorar", diz a estudante.

Os exercícios no videogame acontecem duas vezes na semana, dentro de uma sessão de 50 minutos. Nesse tempo há aquecimentos em uma bicicleta ergométrica, alongamentos e aferição de pressão antes e depois dos exercícios. "O professor César sugeriu trabalhar com idosos. E então comecei a procurar pessoas que pudessem participar", diz Larissa. "É feita uma avaliação prévia para identificar se o paciente se encaixa nos exercícios com o videogame", explica César. Os quatro idosos que fazem sessões com o uso da realidade virtual são de um grupo de pesquisa da Universidade.

Uma das principais dificuldades é levar os idosos às sessões, já que nem todos se adaptam à tecnologia. "No começo existe um receio por não conhecer o videogame", diz Larissa. Mas, isso acaba depois da primeira sessão, segundo o coordenador do projeto. A expectativa das estudantes é expandir ainda mais o trabalho e conseguir trabalhar com um grupo de até dez pacientes.

MELHORA SIGNIFICATIVA

Solange sofre com problemas na coluna e tem lesões pelo corpo devido a um acidente de trabalho. Osmar também tem problemas na coluna, quebrou o joelho direito e sofre de hérnia de disco. A iniciativa de participar de sessões de fisioterapia partiu de Solange, "como



SESSÃO DE EXERCÍCIOS NO VIDEOGAME

uma forma de estreitar os laços com o marido". Aos poucos o casal vai apresentando melhoras significativas. Para Amanda, que acompanha o desenvolvimento dos pacientes, as melhorias não estão apenas no aspecto físico. "Os pacientes apresentaram também melhoras no convívio com outras pessoas".

O estudo feito na Unaerp demonstrou eficácia. "Separamos pacientes em dois grupos. Os que usavam o videogame nas terapias tiveram um progresso muito maior que o outro que não usava", diz César. Segundo Larissa, as sessões com o videogame trabalham a coordenação motora, o desempenho cognitivo e os reflexos. Os exercícios estimulam cada vez mais a dedicação dos pacientes. "Sou muito competitiva, dou sempre meu máximo para conseguir uma pontuação melhor que a anterior", diz Solange. Entusiasmada, ela sugeriu até o título desta reportagem. "Esse brinquedo não é só de criança, é de adulto também".

RIBEIRÂNIA RECICLÁVEL

67% DOS MORADORES CONTRIBUEM PARA A COLETA SELETIVA SEMANAL DO BAIRRO

■ Giovana Grepí

A maioria dos moradores da Ribeirânia faz coleta seletiva de materiais recicláveis. O informativo O Repórter fez uma enquete no bairro e ouviu trinta famílias. Dessas, 67% separam os recicláveis dos orgânicos e somente 33% não se preocupam com essa separação.

Esse comportamento não sustentável tem várias explicações, mas a desinformação é a principal delas, como revela Ricardo Ribeiro, morador do bairro há 25 anos. Segundo Daniela Sudan, bióloga e educadora do programa USP Recicla da Universidade de São Paulo, essa conduta pode apontar um problema na educação ambiental. A coleta seletiva acontece nessa região da cidade desde 2000. O trajeto e horário feito pelo caminhão coletor, de uma empresa contratada, são sempre o mesmo. Todas às segundas-feiras, na Ribeirânia ao lado da APAE. Na quarta-feira, região do hospital Ribeirânia. E também, na Nova Ribeirânia, perto do Fórum, às sextas-feiras. No Iguatemi, passa às quartas-feiras. Sempre no período noturno.

O caminhão coletor é acompanhado por uma música marcante que o anuncia e ainda percorre 27 bairros de Ribeirão Preto. Os materiais recolhidos são: papel, papelão, jornal, revista, plástico, garrafas PET, sacolas, vidros, e metais. Ricardo Alves, chefe de divisão na Coordenadoria de Limpeza Urbana da cidade, considera que cem toneladas desses materiais são recolhidos por mês e são encaminhados para a Cooperativa Mãos Dadas.

Iraci Pereira, presidente da Cooperativa, orienta que o morador deixe os materiais limpos para que inse-

tos não apareça e que todos podem estar juntos em uma sacola que a separação por categoria é feita pelos cooperados. Segundo Daniela, a coleta seletiva é importante porque diminui a extração de recursos da natureza, aumenta a vida útil dos aterros sanitários, tira os resíduos das paisagens e amplia a consciência ambiental da população. "Alguns estudos indicam também que com a reciclagem gasta menos energia e polui menos água", diz.

A bióloga ainda sugere quatro itens para uma coleta eficiente: infraestrutura abrangente à toda a população; educação ambiental para orientar e sensibilizar a participação da comunidade; iniciativas dos cidadãos para reivindicar a coleta; e valorização dos catadores como fonte de geração de emprego e motivação.

CATADORES

A Política Nacional de Resíduos Sólidos pede prioridade aos catadores, com a intenção de integrá-los ao mercado formal. "Um item fundamental na coleta seletiva é a valorização dos catadores. Hoje,

em Ribeirão, temos apenas uma cooperativa que é a Mãos Dadas e que tem resistido", revela Daniela. Ela ainda acredita na motivação de outros catadores para atender a demanda da cidade.

"É muito importante que o cidadão separe os materiais recicláveis, porque é o nosso pão de cada dia e é de onde pagamos nossa conta. Além do benefício para o meio ambiente", revela a presidente da Cooperativa, Iraci Pereira.

A pesquisa Ciclosoft 2016 realizada pela organização sem fins lucrativos Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre) apontou que apenas 1.055 municípios realizam a coleta seletiva, ou seja 18 % do país. Apenas 15% da população, cerca de 31 milhões de pessoas, tem acesso a essa coleta.

A iniciativa da prefeitura também foi essencial para Luis Roberto, morador da Ribeirânia há 7 anos. Ele conta que há 15 anos pratica a separação dos materiais, desde o bairro em que morava anteriormente. "Fica o questionamento. Por que ainda não temos coleta em 100% do município? Porque pessoas não tem



RECOLHIMENTO DE MATERIAL RECICLÁVEL: MENOS LIXO, MAIS ECONOMIA

LAZER VERDE

PRAÇAS, PARQUE E ESTÁDIO DA REGIÃO DA RIBEIRÂNIA GARANTEM LAZER À COMUNIDADE

Juliana Leal

Os finais de semana e as férias são ótimos para descansar, curtir com a família, amigos e os bairros Jardim Iguatemi, Ribeirânia e Nova Ribeirânia têm ótimas opções de lazer ao ar livre. Praças, parques e estádio instigam a andar, correr, exercitar e brincar.

Os dois pontos de lazer mais famosos ficam bem próximos. Um deles é o Parque Prefeito Luiz Roberto Jábali, conhecido como Parque Curupira, o maior da cidade. O outro é o Estádio Santa Cruz, a "casa" do Botafogo Futebol Clube. Ambos ficam na Avenida Costábile Romano, próximos um do outro. Em frente aos locais há pontos de transporte coletivo, pela linha G203- Ribeirânia.

O Parque Luiz Roberto Jábali é o mais conhecido e frequentado por ser gratuito e por ser algo diferente. Instalado numa pedreira, fica aberto todos os dias das 6h às 21h no horário normal, e até às 22h no horário de verão. O parque tem lanchonete, áreas com equipamentos para exercícios, lagos e muito verde. Marcelo Reis, coordenador de Limpeza Urbana da cidade e responsável pelo Curupira, explica que o local não faz eventos sonoros para não agredir as plantas, o que está previsto no Código Ambiental. "Apenas acontecem eventos de conscientização para a saúde e atividades físicas, como exercícios e meditação", comenta. Em frente ao parque, aos domingos, também funciona a ciclofaixa, onde a população pode alugar bicicletas para pedalar no entorno e por avenidas próximas.

O Estádio Santa Cruz, sede do Botafogo Futebol Clube, além dos jogos quando há campeonatos, também tem coisa para se fazer. Em

certas datas do ano, os diretores do estádio fazem eventos comemorativos, como festa junina e aniversário do time. O local também tem jogos amadores, com a sua escolinha de jogadores que treina todos os dias. Para ter informações sobre os eventos e os preços, que variam de acordo com o evento, o interessado pode entrar no site de Botafogo: <http://botafogosp.com.br/>.

Ao lado da Ribeirânia, o Jardim Iguatemi também tem praças de lazer que são bem frequentadas, algumas até com academia ao ar livre, e outras com brinquedos para crianças. Na Rua Valentim Mestriner, 206, há uma praça com brinquedos, que também tem bancos e até food truck para quem quiser passar algumas horas. A vendedora Myriam Pedrosa, frequentadora da praça, afirma que o local é seguro, fresco e calmo. "Gosto de passar o tempo aqui com as crianças", completa.

No cruzamento da rua Teodomiro Uchoa Neto com Arnaldo Victaliano funciona uma academia ao ar livre. O lugar é arborizado e fresco e tem o seu maior foco para idosos que ali encontram aparelhos para se exercitarem, inclusive, com dicas de como usar os equipamentos. Isso não impede que jovens

também pratiquem exercícios na praça.

No cruzamento das ruas Joaquim Estanislau de Gusmão e Antonieta Rigobelo Canesin há uma praça calma e muito arborizada. O local é fresco, grande, bom para meditar e até mesmo fazer um piquenique. A praça tem brinquedos para as crianças se divertirem também. O vigilante Marcelo Ferreira adora levar as filhas para brincar e afirma estar tranquilo em relação à segurança. "Venho sempre aqui, minha família gosta de um lugar bom e relaxante".

Quem quer uma praça perto da Unaerp, que seja calma e com muitas árvores, o local perfeito fica nas esquinas da rua Arthur Palma Franco com a rua Edmo Bernardes Mello. Essa praça não tem academia ao ar livre, nem brinquedos, mas conta com vários bancos e, por ser arborizada, tem muita sombra. Bastante frequentada pelos moradores é, muito tranquila e há como relaxar sob as árvores.

É muito importante ressaltar que todas as praças têm iluminação, porém não o suficiente para garantir a segurança necessária para que os locais sejam frequentados à noite.



PRAÇA COM PLAYGROUND NO IGUATEMI: UM CONVITE AOS MORADORES

AS RUAS TÊM HISTÓRIA

IDENTIDADE DAS AVENIDAS E VIAS DA RIBEIRÂNIA REPRODUZEM MEMÓRIA HISTÓRICA

■ Jeziel Henrique Araújo

Nomes de avenidas importantes, como Costábile Romano, Leão XIII, Presidentes Kennedy e Castelo Branco, apontam a relação entre o processo de nomeação de vias públicas na Ribeirânia e a reprodução da memória histórica. As principais avenidas do bairro homenageiam personalidades reconhecidas na cidade, no país e no mundo.

A avenida Costábile Romano, acesso principal à Ribeirânia, e a avenida Leão XIII, são vias expressas. A Costábile Romano, além de ser o acesso principal que liga a área central da cidade ao bairro, é um dos principais acessos ao Novo Shopping. Além disso, o endereço de um dos mais conhecidos pontos turísticos de Ribeirão e região, o Estádio Santa Cruz.

“Já existiam a Unaerp e o estádio Santa Cruz. A City, empresa de São Paulo, adquiriu um grande lote e fez um loteamento. Sobre os nomes das avenidas, todas as nomeações das vias foram feitas para homenagear personalidades da época”, explica o jornalista e escritor Nicola Tornatore.

No limite da Ribeirânia com o Novo Shopping se localiza a avenida Presidente Kennedy que, além de estabelecer como acesso, possui a função de conexão de duas vias expressas que são entradas principais da cidade, as avenidas Francisco Junqueira e a Presidente Castelo Branco.

PERSONALIDADES

Costábile Romano, que dá nome à principal via da Ribeirânia, foi prefeito de 1955 a 1959, depois

deputado estadual por dois mandatos. Morreu aos 61 anos em um fatídico acidente, na rodovia Anhanguera, em 3 de setembro de 1966, no auge da carreira política. Logo após sua morte, deram o nome dele para a avenida. Como prefeito, Costábile conseguiu, entre outras conquistas, importantes realizações nas áreas de infraestrutura dos bairros periféricos e educação básica.

“O Costábile Romano foi um político tradicional e muito popular em Ribeirão Preto, inclusive foi prefeito da cidade. Quando foi inaugurado o estádio do Botafogo, dois anos após seu falecimento, as autoridades deram o nome do ex-prefeito para a avenida”, afirma Ivens Telles Alves, fundador e presidente da Associação dos Moradores da Ribeirânia (AMOR).

Seguindo tradições de uma cidade localizada em um país predominantemente católico, Ribeirão Preto resolveu homenagear um papa dando seu nome à via pública na Ribeirânia.

Leão XIII (pontificado de 1878 a 1903), conhecido como “Papa dos Trabalhadores”, ganhou destaque internacional por promulgar em 15 de maio de 1891 a encíclica Rerum Novarum (Das Coisas Novas), na qual denuncia a ambição dos socialistas de buscar a abolição da propriedade privada e reforça a habitual rejeição do Vaticano às doutrinas baseadas na luta de classes. Por outro lado, a novidade está no apoio da Igreja a reivindicações dos sindicatos que apelam às condições das classes trabalhadoras: salários justos, redução da jornada de trabalho e descanso remunerado.

Já a Presidente Kennedy é uma homenagem ao famoso presidente americano no período de 1961 até o seu assassinato em 1963. Em seu governo houve a Invasão da Baía dos Porcos, a crise dos mísseis de Cuba, o início da Corrida espacial, a consolidação do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos e os primeiros eventos da Guerra do Vietnã. De acordo com Tornatore, a morte de Kennedy causou comoção dentro e fora dos EUA, o que, inclusive, justifica a homenagem feita a ele com o nome de uma avenida na incipiente Ribeirânia da década de 60. Tido como uma das maiores personalidades do século XX, Kennedy é ainda hoje cultuado.

A nomeação da avenida Presidente Castelo Branco, assim como das demais avenidas do bairro, remonta a um difícil período da história brasileira: a ditadura militar. Humberto de Alencar Castelo Branco foi um dos articuladores do Golpe de 1964 e o primeiro presidente ditador. Governou o País de 15 de abril de 1964 até 15 de março de 1967.

O bairro Ribeirânia surgiu em meados da década de 1960, no período de modernização da economia do município e região de Ribeirão Preto, processo que teve início durante os anos 1950. O grande marco do bairro foi quando os dirigentes do Botafogo Futebol Clube decidiram, no ano de 1968, construir e inaugurar o estádio Santa Cruz.

De acordo com a Secretaria de Planejamento e Gestão Pública de Ribeirão Preto, o bairro compreende uma área de 214.589 m², com delimitação geográfica entre a avenida Presidente Kennedy e as ruas Argeu Fuliotto, Abrahão Issa Halack e Pedro Pegoraro.

HOMENAGEM MERECECIDA

ESCOLA DO IGUATEMI LEVA NOME DE ANÍSIO TEIXEIRA

■ Douglas Gabriel

A “Escola Municipal Professor Anísio Teixeira” leva esse nome para prestar reconhecimento a um dos principais educadores brasileiros. Instalada em 1973, na Rua Albino Gonçalves, 43, no Jardim Iguatemi, na época supriu a demanda educacional dos moradores do bairro que havia sido inaugurado três anos antes.

Anísio Spíndola Teixeira, baiano, nasceu na cidade de Caetité, em 1900, dedicou sua vida à educação. Formado em 1922 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1924 já era inspetor geral de ensino na Bahia. Com 28 anos foi para os Estados Unidos fazer pós-graduação na Universidade de Columbia. Lá conheceu John Dewey, educador e filósofo norte-americano e criador da escola progressiva naquele país.

De volta ao Brasil, em 1931, no Rio de Janeiro, capital federal à época, ocupou o cargo de diretor de Instrução Pública. Foi um dos criadores da Universidade do Distrito Federal (1935) e mais tarde da Universidade de Brasília (1963). Em ambas universidades, perdeu o cargo de reitor devido à perseguição política. Primeiro, em 1937, no Estado Novo. Depois em 1964, em função do golpe militar.

Sua carreira internacional começou em 1946 quando assumiu o posto de Conselheiro Geral das Organizações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Na década de 1950 esteve nos debates da implantação da Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação. Foi secretário geral da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e diretor do INEP, en-

tão denominado Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Posteriormente, esse nome foi alterado para Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira e é o órgão governamental responsável pelo Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) e o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Anísio Teixeira morreu em 1971. Seu corpo foi achado num elevador na Avenida Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Apesar do laudo de morte acidental, há suspeitas de que tenha sido vítima das forças de repressão do governo do general Emílio Garrastazu Médici.

O professor Anísio Teixeira foi um dos precursores da implantação de escolas públicas e gratuitas para todos e em todos os níveis no Brasil. Atualmente, a escola que leva o seu nome no Iguatemi leciona para alunos do ensino fundamental, do primeiro ao nono ano, com turmas de manhã e à tarde e tem pouco mais de 700 alunos.

DE MÃE PARA FILHO

Além das aulas curriculares, os alunos da escola ainda participam de projetos permanentes e especiais como o festival de atletismo, de circo, capoeira, reciclagem e o Jornal Legal na Escola. Concursos e programas desenvolvidos por outras entidades têm a participação frequente dos alunos. Tiago Ferreira, do 7º Ano, frequenta atividades esportivas, além das aulas de educação física: “Há vários esportes para escolher e participar. Futsal, vôlei, basquete, handebol até bad-

minton. No atletismo, a rua é fechada para agente competir”, comenta.

A transmissão de conhecimento no “Anísio Teixeira” está passando de geração em geração, como no caso de Gisele Matioli Cardozo, autônoma, que estudou no colégio. “Estudei aqui da pré-escola à oitava série. Hoje é a minha filha. E a qualidade de ensino ainda é igual”, diz, orgulhosa. A qualidade também é elogiada pela dona de casa, Juliana Padilha, que tem o filho estudando no 1º ano: “Eu não conhecia a escola, apesar de morar aqui perto. Uma amiga me indicou e até agora não tem nada que possa desagradar”, salienta.

Segundo a supervisora de ensino, Aline de Souza, o prédio da escola está aberto à comunidade do bairro. “Quem quiser utilizá-lo no final de semana pode entrar com um ofício solicitando o empréstimo. Ele vai ser analisado pelo conselho gestor para saber da viabilidade”. Toda essa burocracia, segundo ela, é por questão de segurança.



EDUCADOR ANÍSIO TEIXEIRA

REFÚGIO NO IGUATEMI

■ Júlia Gracioli

JOVEM SÍRIA DEIXOU FAMÍLIA E TRABALHO E VEIO PARA O BAIRRO EM BUSCA DE PAZ

Ali no Jardim Iguatemi, longe de tumultos, riscos e conflitos, vive uma jovem mulher de 36 anos que buscou na tranquilidade do interior de São Paulo um lugar para fugir da Síria, sua terra natal. Com 36 anos, essa refugiada, que prefere ter sua identidade preservada, tenta reencontrar um rumo para sua vida, embora, dentro de si, carregue todas as dores somente possíveis a quem já passou por situações extremas.

Em agosto, Hanna (nome fictício), chegou de Aleppo, localizada no norte da Síria, a maior cidade do país, com 5,3 milhões de habitantes. Lá, era bióloga, com mestrado em meio ambiente e trabalhava como consultora ambiental e ecologista. Nos últimos oito anos atuou em vários países do Oriente Médio e desde 2012 já havia deixado a Síria para trabalhar em outros países daquela região tão familiar. “Em seguida, retornei para meu país, mas as coisas estavam indo muito mal e então tive que encontrar um lugar para reiniciar a construção do meu futuro, aqui no Brasil. Vim para cá como refugiada. Felizmente, conheci uma pessoa e agora estou trabalhando com ela, com um salário muito baixo no começo. Pretendo solicitar em dezembro meu PhD para que eu possa crescer no país.”

Na Síria, Hanna deixou o pai, um militante de 69 anos. Lá também ficou sua irmã, 28 anos, casada, com três filhos. “Não é fácil virar as costas e deixar tudo para trás. Penso todos os dias como seria nossa vida, nossa rotina. Antes da guerra chegar, éramos uma família feliz”.

Em Ribeirão Preto, a bióloga recomeça a vida trabalhando como

ajudante de um professor de Biologia, além de estar encaminhando o doutorado. Hanna pretende viver o resto de sua vida no interior de São Paulo, um lugar onde ela encontrou paz e sossego e futuramente pretende trazer sua família para morar aqui, “Não quero nunca mais abandonar o calor e a bondade do povo brasileiro. Serei eternamente grata,” diz.

Os refugiados têm que se adaptar a hábitos, cultura e mercado profissional totalmente diferentes. Isso acontece com milhares que são obrigados a deixar seus países por motivos de guerra, disputas por territórios e poder político. Quem regula a aceitação dos refugiados aqui no Brasil é o Conare (Comitê Nacional para os Refugiados), órgão vinculado ao Ministério das Relações Exteriores. O Comitê institui as regras brasileiras que seguem o Estatuto do Refugiado assinado na ONU, de 1951. A coordenadora do curso de Relações Internacionais da Unaerp, Juliana Bigatão, explica que “refugiado é aquele que deixa seu país porque foi obrigado devido às condições de segurança, violência ou perseguição política.”

Para ser aceito no Brasil, o refugiado deve se apresentar às autoridades no próprio aeroporto, na chegada, onde é feita uma primeira entrevista e triagem para se identificar os motivos que trouxeram a pessoa até aqui.

Dados do Ministério das Relações Exteriores mostram que hoje o País tem 8.800 refugiados cadastrados, de 79 nacionalidades diferentes. Atualmente, os que mais procuram o país são sírios, angolanos, colombianos, congolese e palestinos.

MERCADO ACCELERADO

■ Vitória Junqueira

O começo do ano letivo é considerado alta temporada para as imobiliárias que atuam nos bairros Ribeirânia, Nova Ribeirânia e Iguatemi, nas imediações da Unaerp, Zona Leste da cidade. Segundo o boletim da Construção Civil do Centro de Pesquisa em Economia Regional da Fundace - Ceper/Fundace, são três dos bairros com o metro quadrado mais valorizado da cidade. No caso específico de aluguéis estudantis, os inquilinos procuram segurança, vizinhança, fluxo de veículos e de pedestre, conforto e também proximidade com o comércio e a universidade onde estudam. Nesses imóveis, o valor do aluguel teve 7,5% de aumento em comparação ao mesmo período no ano passado.

PEQUENA HISTÓRIA DO FÓRUM

■ Desiree Viana

O atual Fórum de Ribeirão Preto foi inaugurado em dezembro de 1994 e a campanha pela sua construção começou em 1982, promovida pelo juiz Nilton Messias de Almeida. Segundo o livro “Comarca de Ribeirão Preto, Cem Anos Fazendo Justiça”, escrito pelo próprio juiz, a construção do projeto foi feita pela arquiteta Maria Lúcia Novaes Britto Passos começou em 1990, com previsão para ficar pronto em 1993. Sem muito atraso, o Fórum foi passado a funcionar no local em dezembro de 1994.

"SOU MAIS FELIZ E MENOS SOZINHA"

■ Lívia Furlan

FUNDADO EM 1970, CLUBE DA VELHA GUARDA DE RIBEIRÃO PRETO PROMOVE BAILES PARA CASAIS E SOLTEIROS

Homens em trajes sociais, mas de forma casual, com um tom de leveza no olhar. As mulheres, arrumadas, de meio salto, com pouca maquiagem e sorriso estampado no rosto. São 21 horas. A banda começa a tocar um tranquilo bolero e os casais se levantam para dançar. Não há timidez ou competição. Apenas casais que se conhecem há algum tempo, dançando, aproveitando o momento e absorvendo as sensações de boas músicas e companhias.

Fundado há 46 anos, o Clube da Velha Guarda de Ribeirão Preto promove, a cada quinze dias, bailes para casais, independente da idade. Ele também afugenta a solidão e traz de volta a energia da juventude. Gabriel Romão Teixeira Neto, 102 anos, é prova disso. O senhor Gabriel é associado do Clube desde a sua fundação, em 4 de abril de 1970. Para ele, dançar é um passatempo, além de sentir uma melhora na saúde.

Outros tantos associados fazem do Clube o lugar para se divertir, conviver com os amigos e dançar. O Velha Guarda hoje funciona na rua André Benedito, no bairro Nova Ribeirânia. Até 1980, ficava no SESC, na rua Tibiriçá. "Quando o Clube foi fundado, era voltado para casais acima de 50 anos. Conforme o tempo passou, fomos diminuindo a idade e agora atendemos a todos", explica Hugo Pessica, conselheiro do Clube.

Mantido por associados, bailes, aluguel do salão, excursões e vendas de pizza, o Clube atende, em média, a 200 pessoas. Dentre elas está o casal de namorados Zé-

lia Magri, 72 anos, e José Geraldo Julio, 76. Os dois se conheceram ali há cinco anos. Segundo Zélia, participar do ambiente a fez ser "muito mais feliz, mais alegre e menos sozinha". Ela ainda elogia: "o melhor lugar que tem".

O Clube não atende apenas casais. Há também solteiros que vão para conhecer pessoas e se divertir ao som de músicas dos anos 50 e 60. É o caso da técnica de nutrição, Miriam Pedroso, de 58 anos, que conheceu o Clube através de uma amiga. Para ela, a experiência rejuvenesce a pessoa, além de ser um ambiente tranquilo e gostoso. "Pena que é a cada 15 dias e que falta homem para dançar", brinca.

O Clube da Velha Guarda atende de segunda a sábado, das 8h às 11h e das 13h às 17h. Os telefones de contato são (16) 3624-1667 e (16) 99153-1383, em um próprio Clube, na rua André Benedito, 410.



BAILES: MOMENTOS DE ALEGRIA E PRAZER

RECUPERAÇÃO E LAZER

■ Vitor Conde Neves

Alunos da Liga Acadêmica de Psiquiatria do curso de Medicina da Unaerp criaram um projeto para beneficiar o tratamento das pessoas que são atendidas pelo grupo. Para isso, eles pretendem transformar uma praça abandonada, numa travessa da Rua Pedro Pegoraro, na Nova Ribeirânia em uma área de recuperação para os pacientes e também de lazer para os moradores.

Além da Liga, o projeto conta com o apoio dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Biotecnologia, Educação Física e Jornalismo. O estudante de Medicina e presidente da Liga de Psiquiatria, Leandro Feliz, conta que "esse projeto beneficia tanto os pacientes quanto os moradores da área".

A iniciativa, segundo Feliz, é muito importante para os assistidos que estão em recuperação. "Nossa expectativa é ajudá-los também na inserção de volta à sociedade".

Com a reforma da praça, de acordo com as diretrizes do projeto, a praça terá equipamentos para atividades físicas, um espaço cultural com mesas de jogos e um jardim sensorial, que auxilia na recuperação dos instintos dos pacientes.

Os idealizadores buscam um acordo com a Unaerp para que a Universidade ajude na revitalização da praça. Além disso, eles tentam parcerias com empresas que apoiem a ideia e beneficiem não só os pacientes, mas sim toda a redondeza.

CORAL UNAERP, PAIXÃO PELA MÚSICA

O GRUPO COMPLETA 30 ANOS EM 2017 E ABRE NOVO HORÁRIO PARA OS ALUNOS DA UNAERP

Francine Rodrigues

Para alguns uma terapia, para outros uma paixão. Há 30 anos, o Coral Unaerp vem atraindo amantes do canto para se reunirem todas as quintas-feiras num prazeroso encontro com a música.

A musicista Cristina Modé Angelotti fala com muito carinho do grupo que rege há 20 anos. "Há uma harmonia no grupo". E reforça os benefícios desse convívio semanal. "As pessoas que vêm se beneficiam não só musicalmente, mas também emocionalmente, vivem melhor".

Composto em sua maioria por pessoas mais velhas, o coral é aberto ao público e para participar basta ter mais de 18 anos. Entre idas e vindas, o músico Alex Francisco, de 37 anos, integrante do coral há vinte, acredita na importância do encontro sem sua vida. "Eu cresci aqui musicalmente e as pessoas que fazem parte do grupo se tornam parte de nossa vida. É um encontro social, uma terapia. É gostoso, amigável e muito bom", diz.



APRESENTAÇÃO DO CORAL DA UNAERP EM SÃO SIMÃO

Já Patrícia Freitas, 20 anos, participa do coral há dois e para ela um dos pontos mais importantes do grupo são as companhias. "O que me faz vir aqui é ter a oportunidade de cantar e ao mesmo tempo cantar com pessoas boas. Para mim isso não tem preço".

Com aproximadamente 30 integrantes, o coral frequentemente participa de encontros na região de Ribeirão Preto, no país e até no exte-

rior, como foi a experiência vivida na Itália, em 2015. Para a regente Cristina, essas viagens fazem com que o coral cresça. "É um momento bom porque a gente mostra o trabalho que fazemos e vê outros trabalhos".

Com o intuito de ter mais alunos da Universidade participando do coral, Cristina pretende alterar os horários dos ensaios em 2017. "Fazer um ensaio, por exemplo, das 17h às 19h para o pessoal da comunidade que não pode vir nesse horário, faremos um ensaio a partir das 18h. Assim as turmas se encontrariam em algum momento por, pelo menos, uma hora", diz.

Ainda para 2017 a regente pretende continuar um projeto temático iniciado em 2016, em que o coral apresenta músicas de certo estilo musical. Neste ano, o tema é samba, porém para o ano vem o estilo de apresentação ainda não foi definido.

Para participar do coral procure o curso de Música, no Bloco I da Unaerp ou ligue para (16) 3603-6770 ou (16) 9 9994-2991.

PM RECOMENDA CUIDADOS

Líria Machado

O bairro Nova Ribeirânia está entre os três que possuem o maior índice de furtos da cidade. A violência ronda principalmente a Unaerp, afirmam estudantes e moradores da região. Para tentar diminuir os índices, a Polícia Militar reforçou a ronda nos últimos meses. Além disso, a PM recomenda cuidados. A Associação de Moradores do bairro também divulga as ins-

truções que incluem limpeza da frente da casa e recolhimento de jornais e panfletos que podem aparentar ausência do morador e cuidado redobrado na chegada e saída de casa. De acordo com as estatísticas da PM, os horários de maior ocorrência são entre 7 e 9 horas e entre 17 e 19 horas durante a semana e 13h30 e 15h30 aos sábados, domingos e feriados.

MÚSICA NA UNIVERSIDADE

■ Giovanna Pratali Moreira

A “Oficina de Música” da Unaerp é um projeto que oferece aulas gratuitas de Oficina de Voz, Tópicos Especiais em Música e Trilhas Sonoras e Jingles. Os cursos são abertos aos estudantes e funcionários da Universidade e à comunidade em geral.

O projeto é uma iniciativa da Licenciatura em Música e atualmente conta com doze participantes. O grupo se renova a cada semestre, mas algumas pessoas se

mantêm, como é o caso de Lúcia Helena Garcia, que participa da oficina há cinco anos. “Encontrei na oficina de voz a oportunidade de desenvolver algumas técnicas, ser mais sociável e trabalhar mente, corpo e alma”, afirma.

Para Lúcia, a oficina é mais do que um aprendizado: é uma terapia. “Os encontros nos trazem benefícios. São satisfatórios, proporcionam aprendizado de voz em música. Agente recebe e doa, é uma reciprocidade”.

As oficinas são ministradas por alunos da Licenciatura e significam uma grande experiência na área, pois atuam como professores, arranjadores e compositores. No curso, eles desenvolvem projetos artísticos, culturais e pesquisas científicas.

As aulas acontecem às segundas-feiras, às 18h. Qualquer interessado, jovem ou adulto, pode se inscrever na secretaria do curso ou pelo telefone (16) 3603-6733.

PAULO CÉSAR CAPETA

BICAMPEÃO PAULISTA DE FUTEBOL HOJE MORA COM A FAMÍLIA NA RIBEIRÂNIA

■ Lucas Mercedes

Ex-jogador de futebol de grandes clubes brasileiros, Paulo César Capeta teve seu auge no início dos anos 1980. Casado com Iara de Andrade Camassuti, com quem tem três filhos, Joyce, Junior e Guilherme, hoje mora pacatamente em Ribeirão Preto, no bairro da Ribeirânia. Aos 56 anos não usa mais o apelido famoso. É simplesmente o senhor Paulo César Camassuti.

Nascido em Taquaritinga em 26 de janeiro de 1960, sua carreira começou aqui na cidade, no Botafogo Futebol Clube e depois teve passagens pelo São Paulo, Corinthians, Bellinzona (Suiça), Grasshoppers (Suiça), Coritiba e Taquaritinga, onde encerrou sua jornada.

Paulo César Capeta recebeu esse apelido nos tempos em que atuava no São Paulo. Na época, o time realizou uma excursão ao México para jogar contra o Milan, o

Cosmos e a Seleção Mexicana. Por driblar muito, o narrador Sílvio Luiz deu-lhe esse apelido.

Depois de se aposentar, o ex-ponta-direita tornou-se treinador do Comercial Futebol Clube de Ribeirão Preto, em 1999. Seu trabalho mais recente foi em 2013, quando comandou a equipe do Taquaritinga. Atualmente está desempregado, porém diz que ainda quer continuar no futebol. “Joguei quase 20 anos e quero continuar, mas desde que tenha uma estrutura boa para realizar o meu trabalho”, afirma.

Apesar de ser apelidado de “Capeta”, Paulo César diz ser calmo e extrovertido. Gosta de conversar e assistir filme ou um bom jogo de futebol. “Procuro ver o Barcelona, Real Madrid e Manchester United. São times que têm alguns dos maiores jogadores do mundo e que jogam o melhor futebol”.

Na família, continua sendo o ídolo que sempre foi. Júnior descreve o pai como sendo o seu espelho, pois o acompanha desde os quatro anos de idade. Essa proximidade o incentivou a cursar Educação Física e atuar no futebol como treinador e coordenador. Também considera o pai animado e tranquilo. “Me orgulho tanto da pessoa dele, quanto do profissional que ele é. Carrego o nome dele, pois sou Júnior, e procuro seguir seus passos e conselhos”.

Paulo César Capeta considera sua carreira vitoriosa. Como jogador foi duas vezes campeão paulista com o São Paulo, em 1980 e 1981. Naquele ano também foi vice-campeão brasileiro, convocado para a Seleção Brasileira e recebeu a Bola de Prata da revista Placar. Foi um dos primeiros a jogar fora do país e encerrou sua história no time de sua cidade natal. Um currículo respeitável.

TELAS, CÉUS E INFERNOS

DANTE VELLONI, UM ARTISTA DE DIFERENTES TÉCNICAS E LINGUAGENS

■ Francine Rodrigues

Apaixonado pelas artes, Vagner Dante Velloni é um artista reconhecido, com inserções internacionais. Com 62 anos recém completados no mês de outubro, esse também professor ribeirão-pretano começou, ainda criança, desenhando o papa João XXIII. Com o tempo, aprendeu a lidar com tintas e pincéis.

Cursou Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes em São Paulo, onde também deu aulas, fez mestrado em Arquitetura na USP e não concluiu seu doutorado por conta da morte de sua orientadora.

Classificando sua arte como densa, Dante admite que não é artista de uma só técnica e uma só linguagem. "Já usei fotografia, vídeoarte, xeroarte (arte com xerocópia), entre outras", diz.

Pode-se dizer que seu trabalho passou por diversas fases. Nos

anos 80, foi o "Inferno de Dante", com trabalhos criados e pintados de forma livre e sem limites, usando a mão esquerda, mesmo sendo destro. Nos anos 90, foi a fase dos "Céus de Dante", em que pretendeu provar a inexistência de Deus. Já nos anos 2000 foi a vez da "Natureza da Natureza" que retratou, com desenhos em seda e técnica própria, sua visão sobre os elementos da natureza.

Com várias exposições realizadas no País, o artista conta sobre sua primeira mostra individual em Roma, na Itália. "Um ex-aluno meu, que morava lá, pediu meu portfólio e o entregou para a Embaixada Brasileira na capital italiana. Assim, em 1998, fui chamado. Fora do Brasil, sem um portfólio ninguém te conhece".

Com exposições soltas também na Espanha, Dante conta que se

sente muito realizado como artista. Sua exposição mais marcante e sofisticada foi na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) de Ribeirão Preto, em 2014. "Veio toda a equipe de São Paulo para montar minha mostra".

Em 2015, seu portfólio "Rosas do Mal" foi selecionado para integrar a publicação da prestigiada revista francesa L'Oeil de la Photographie. "Foi ali, em uma exposição de uma revista virtual que eu mais me senti sendo visto. Fiquei envaidecido por ter sido selecionado pelo editor dessa revista".

Para 2017, o artista já tem exposições marcadas em Madri, na Espanha, e em Pavia, na Itália, ambas organizadas pelas embaixadas do Brasil naqueles países, e trabalha em um novo projeto tentando demonstrar "Uma Morte sem Dor".

SUPERAÇÃO NO ESPORTE E NA VIDA

A ATLETA CAMPEÃ ROSE HOEPPNER, 54 ANOS, COMEÇOU SUA CARREIRA SOMENTE AOS 32

■ Giovanna Grepí

"Sempre quis participar. Eu não queria ser a melhor. Eu queria estar junto e fazer parte". Foi assim que Rose Hoepfner, 54 anos, conquistou título e já participou de mais de 150 competições regionais, nacionais e internacionais. A atleta veterana venceu o IronMan no Havaí e a prova Powerman na Suíça, foi terceira colocada no Desafio De Los Volcanes no Chile e pentacampeã dos 100 quilômetros dos Canais de Mountain Bike.

Ultrapassando todas as dificuldades, Rose iniciou sua trajetória no esporte somente aos 32 anos. Ela conta que a idade e a falta de equipamentos adequados às competições nunca a impediram de treinar.

Sempre determinada, aprendeu a andar de bicicleta aos 35 anos. "Eu treinava com a minha filha. Ela era pequena e eu a colocava junto comigo e pedalava 20 quilômetros". A filha também esteve presente na corrida que marcou a vida de Rose. Foi em uma prova, em Ribeirão, com dez etapas e duração de um ano. No meio da competição a atleta descobriu que estava grávida. "Na premiação minha filha tinha um mês e nós recebemos a medalha juntas, porque ela correu comigo", conta.

Ter vencido como campeã o Iron Man havaiano foi outra superação. Rose, que aprendeu a nadar com 38 anos, tinha medo de ficar

sozinha na água. Para vencer a barreira fez tratamento com um psicólogo esportivo. "Foi um crescimento na alma", recorda, com orgulho.

Em 2001, passou por um momento muito difícil. Atropelada por um caminhão quando pedalava na estrada, perdeu oito dentes, quebrou o ombro direito, rompeu o ligamento dos pés, lesionou costelas e sofreu uma rotação da quinta vértebra. Recuperou-se e após um ano voltou ao esporte. "Quem convive com a Rose sabe que ela é surpresa a todo o momento, talvez em razão de sua vivência", conta Elenilton Rangel, assessor esportivo, que em 2014 iniciou o trabalho de planejamento da atleta.

SONHO INCERTO

ADOLESCENTES SUPERAM DIFICULDADES PARA SER JOGADOR DE FUTEBOL

■ Paulo Henrique Moreno

“Longe de casa há mais de uma semana”. Esse é o lema da vida dos jovens atletas que compõem a categoria de base do Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto. Longe dos seus lares, da família e dos amigos, os garotos, com 14, 15 anos, já têm a difícil missão de optar entre o conforto de suas casas e o sonho incerto de se tornar um jogador de futebol profissional.

A dificuldade é muito grande para os meninos que têm esse objetivo. Desde muito cedo começam a trabalhar e podem não alcançar os frutos desejados. Atualmente, no futebol brasileiro, segundo a CBF, mais de 82% dos profissionais ganham menos de mil reais por mês e têm emprego em apenas quatro meses do ano.

Para entrar nesse mundo incerto, Gregory Xavier, atleta da equipe sub 15 do Botafogo, aos 11 anos saiu de Brasília para jogar em Santos. Na época, mais de mil quilômetros de distância o separavam do aconchego de casa, tendo a bola como sua única companhia.

Antes de vir para Ribeirão Preto, Gregory morou também em São Paulo. Hoje, com 15 anos, ele diz já estar acostumado a viver fora de casa, mas continua sentindo saudade da família. Ele conta também que sempre foi feliz correndo atrás dos sonhos, mas que isso acabou lhe trazendo muitos compromissos. “Com 11 anos eu tinha responsabilidade que alguns mais velhos não tinham”.

Os casos são diversos. Alexandre Avanzi, 17 anos, zagueiro da equipe sub 17, saiu de Santa Bárbara d’Oeste aos 14 anos, deixando sua família e amigos para morar em Ribeirão Preto, em busca do seu objetivo. Para ele, o mais difícil é ficar longe dos pais. “Sempre fui apegado”. Além disso, Alexandre comenta que estranha a convivência com os demais jogadores. “É complicado ficar com outros atletas. Cada um pensa de um jeito”, completa.

Muitas vezes, o sonho de ser jogador de futebol se soma ao desejo de ajudar financeiramente a família. Essa é a história do zaguei-

ro Victor Hugo Tangerino, conhecido como Tupã, de apenas 16 anos. Depois de passar por times como São Paulo, Grêmio e Ponte Preta estava decidido a parar de jogar e começar a trabalhar para ajudar na renda de casa. Foi eletricista automotivo com seu tio antes de resolver voltar aos gramados no final de 2015. Tupã conta que a família passa por dificuldades financeiras, mas que sempre o apoiou e fez de tudo para nunca desistir do sonho. “Hoje meus pais estão sem emprego e a ajuda de custo que recebo do clube mando para eles”. Mesmo com todos os problemas atuais, ele comenta que já teve momentos piores. “Comíamos somente pão para eu conseguir fazer teste no São Paulo”.

Hoje, no Centro de Treinamento Manoel Leão, administrado pelo Botafogo, Tupã tem respaldo para investir na carreira. O CT é um dos principais centros de formação de atletas do Brasil e conta com uma estrutura de cinco campos profissionais de futebol, sendo dois de grama natural e três de sintética, restaurante, piscina e 70 dormitórios com quatro camas cada.

A equipe de Ribeirão está em um seleto grupo que tem o certificado de clube formador da CBF. Nos últimos anos, revelou jogadores como Vitor Bueno e Wesley que estão no Santos Futebol Clube, Isaac Prado, no Corinthians, e Alex no Cruzeiro-MG.

Atualmente, nos alojamentos do CT Manoel Leão, estão 26 jovens jogadores que vieram de diversas cidades e fazem parte do elenco sub 15 e do sub 17.



TREINO DA EQUIPE SUB 17 DO BOTAFOGO: RESPONSABILIDADE E PERSISTÊNCIA